



EDUCAÇÃO POPULAR: METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL

Flávia Lorena Brito (PPGE/UFMT) – flaviaauiiri@yahoo.com.br

Edson Caetano (PPGE/UFMT) – caetanoedson@hotmail.com

GT 16: TRABALHO E EDUCAÇÃO

Resumo:

O presente trabalho traz discussões relacionadas à realização de pesquisas em Educação Popular no contexto do distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Tais reflexões se fizeram necessárias em função de nossa pesquisa de doutorado, que visa resgatar e salvaguardar saberes e práticas ancestrais ligadas ao ofício da benzeção. A pesquisa de campo está se realizando, especialmente, por meio da aprovação do projeto “Conhecimentos Tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do quilombo de Mata Cavalu/Nossa Senhora do Livramento”, no Edital FAPEMAT nº003/2021 Extensão Tecnológica - Conhecimento a Serviço da População, o que tem possibilitado a aproximação, ainda que indiretamente, com os sujeitos da pesquisa. O projeto prevê a contratação de 3 bolsistas, escolhidas entre moradores da própria comunidade, que irão contribuir na cartografia das práticas de cura e cuidado bem como na realização de entrevistas com tais sujeitos. Nossa metodologia de pesquisa está no bojo da Educação Popular e da Pesquisa Participante. Trazemos aqui as principais reflexões e técnicas que têm possibilitado que caminhemos, à distância, mas nem por isso isolados. É, assim, uma partilha de percepções sobre as relações entre os sujeitos na pesquisa participante no contexto pandêmico.

Palavras-chave: Educação Popular. Pesquisa Participante. Técnicas de pesquisa.

1 Introdução

A Educação Popular na América Latina tem se pautado numa concepção metodológica dialética, permitindo que se articule o concreto e o abstrato, a prática e a teoria, além de possibilitar conhecer a realidade e transformá-la; nesse sentido, é uma filosofia. Este trabalho destaca essa concepção de pesquisa, que, segundo Paludo (2015),

se constituiu em exercício permanente de crítica ao sistema societário vigente, assim como de contra-hegemonia ao padrão de sociabilidade por ele difundida. Construída nos processos de luta e resistência das classes populares, é formulada e vivida, na América Latina, enquanto uma concepção educativa que vincula explicitamente a educação e a política, na busca de contribuir para a construção de processos de resistência e para a emancipação humana, o que requer uma ordem societária que não seja a regida pelo capital. (PALUDO, 2015, p. 220)

Transformar a realidade significa nos transformarmos como pessoas. “Somos sujeitos e objetos de conhecimento e transformação” (HOLLIDAY, 2006, p. 48).

Portanto, faz-se necessária a compreensão do movimento da construção do conhecimento, numa prática orientada/transformadora.

Nesse contexto, a pesquisa participante conforme Brandão (s/d), não é/deve ser mecânica e livre de pessoalidades, e a forma de assumir a presença de pesquisadores e pesquisados na pesquisa participante pode ser um processo carregado de concreticidade.

Torna-se necessário estarmos atentos para as questões fundamentais na pesquisa participante: a relação com o “outro”; a relação conosco – nos reconhecemos e sabemos do nosso papel ali, inclusive, enquanto mediadores de uma possível reflexão acerca de mudanças na realidade ali encontrada e discutida com “o outro”; a relação que a universidade mantém com a pesquisa (financiamentos, projetos de extensão universitária, a aproximação e reconhecimento de que os sujeitos da pesquisa não são nossos objetos, e que a universidade tem com eles mais que uma obrigação social, mas um nivelamento, onde não deve haver saber mais ou saber menos ou conhecimentos relevantes e credíveis); aquilo que surge entre nós na pesquisa, a sensibilidade que possibilita o surgimento de uma relação. (BRANDÃO, s/d)

Como então evitar que se imponha uma parede entre os sujeitos da pesquisa? A resposta dada por Brandão (s/d), por mais subjetiva que possa parecer, é bastante objetiva. Sensibilidade. Muito mais que uma nova ética, Brandão nos chama a novas sensibilidades, pois “estamos diante da responsabilidade que partilhamos enquanto criadores de saberes e de sentidos de vida e de destino”. (BRANDÃO, s/d)

No exercício de uma *investigação-ação-participativa*, devemos partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações. A vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências, tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem interagimos são a sua matéria prima. Na IAP as pessoas do povo não nos oferecem “dados” que em seguida submetemos às nossas “considerações científicas”. Elas compartilham conosco uma mesma e diferenciada construção de saberes partilhados entre autores-atores vocacionalmente iguais e culturalmente diferenciados. Neste sentido a IAP parte do suposto de que eu não dialogo com uma outra pessoa quando nós entramos e saímos de nosso diálogo com os mesmos saberes e as mesmas ideias de antes. Dialogamos quando criamos juntos novos saberes que, sendo “nossos” como uma partilha, não são nem “meus” e nem “deles”, como uma posse. (BRANDÃO, 2017, p. 56)

Onde, então, ocorre a objetividade da pesquisa participante? A arte do encontro deve ser parte do processo de pesquisa; esse encontro pode ser assustador, novo, grande, mas inevitável.

Diante de um outro, quem quer que ele seja, eu só posso estar vivendo um acontecimento. Aqui e agora a minha pesquisa é, por um momento que seja, nossa. E por ser uma forma de reciprocidade entre nós dois, entre você e eu, acontece como um encontro. (...) Tudo mais antecede ou sucede este momento único em que duas pessoas se olham, se falam, se sentem e se pensam, e imaginam que se entendem, intertrocando entre elas gestos do rosto, do corpo e do espírito. E de um lado e do outro do que torna uma pesquisa viável e confiável, elas trocam entre palavras e silêncios, os seus seres, sentidos, sensibilidades, saberes e significados. Isto que à vezes reduzimos à categoria de “dados”. (BRANDÃO, s/d, p. 9)

Assim, tem a ver com

o desafio de vivermos a criação de saberes confiáveis, proveitosos e solidários através de situações de pesquisa que o tempo todo almejam estar procurando o equilíbrio possível entre a experiência necessária ao avanço do conhecimento científico, e a relação indispensável a torná-lo não apenas algo útil e confiável como um produto do saber, mas alguma coisa humanamente significativa e proveitosa, como uma criação do espírito humano e de sua capacidade – sempre precária, mas sempre aperfeiçoável - de compartilhar e partilhar tudo o que ele cria através da relação generosa e gratuita entre sujeitos lado a lado, mesmo quando em posições ora diferentes, ora desiguais. Uma ação de partilha da criação de saberes, em lugar de ser um apropriar-se e privatizar o que o Outro cria e imperfeitamente me oferta através de experiências em que alguém precisa ser tornado um meu objeto, para que eu possa saber algo a seu respeito. (BRANDÃO, s/d, p. 21)

Portanto, a pesquisa é participante não apenas pelo fato de que os sujeitos dela participam, mas sim porque ela visa participar de processos de uma ação social transformadora, popular e emancipadora. Não se pretende com ela melhorar um aspecto da vida daquela comunidade ou grupo de pessoas, mas transformar o olhar de um povo para que se percebam enquanto agentes de transformação, a partir da perspectiva de que a realidade pode sim ser transformada. (BRANDÃO, s/d)

Em sua realização mais completa e fecunda, as pessoas do povo não “participam” apenas de um momento de uma IAP. Elas fazem com que a investigação venha participar de um momento de suas ações sócio-pedagógicas contra-hegemônicas e insurgentes. Ao participarem da IAP elas devem dela se apropriar para torná-la uma alternativa a mais entre as suas ações coletivas de resistência, insurgência, luta e transformação. (BRANDÃO, s/d, p. 65)

Buscar uma relação com as comunidades e povos em pesquisa participante, conforme o autor, exige a percepção de sermos “vocacionalmente iguais e culturalmente diferenciados” (BRANDÃO, s/d):

Não é ao acaso que em dias de agora nós nos voltamos a sabedorias que tanto nos vem do Oriente quanto a Amazônia ou dos Andes, para aprendermos com “eles” algo que nos ajude a destruir menos as fontes de nossas vidas e da existência de todos os seres que conosco compartilham este mesmo Planeta. Nós, acadêmicos ocidentais, produzimos teorias sobre a vida. Eles produzem sabedorias sobre como viver a vida. Saibamos aprender a nos calar, a ouvi-los

e, então, saibamos estender a eles e a nós um fraterno diálogo entre saberes, sentidos de vida e sentimentos de partilha. (p. 68).

É o reconhecimento da alteridade. Talvez o que buscamos ao partir para uma pesquisa não seja exatamente a resposta a perguntas que fazemos inicialmente, mas a própria arte do encontro. É possibilitando que nosso olhar perceba o encontro e nele se deleite, que pode surgir uma relação de reciprocidade e respeito.

Buscamos desenvolver, na medida do possível, técnicas e métodos de pesquisa que privilegiassem o protagonismo e a participação dos próprios sujeitos da comunidade. Para Holliday (s/d), é fundamental que as metodologias e técnicas possibilitem que os trabalhos em educação popular, na perspectiva do materialismo dialético, sejam coerentes como método participativo, cumprindo sua função essencial que é a transformação da realidade da qual se parte. Para tanto, é imprescindível a compreensão dos sujeitos envolvidos no processo e a concepção de que não se está a criar teorias com fim nelas mesmas, mas a transformação de realidades concretas.

Na educação popular, a metodologia deve permitir a realização de estratégias de trabalho, numa sequência lógica e que possibilite uma transformação da situação inicial; tem a ver com uma visão integradora que conduza e dê unidade e coerência a todos os elementos/momentos que se desenvolvem em todos os passos da pesquisa. (HOLLIDAY, s/d).

2 Educação Popular num contexto pandêmico: outras perspectivas, outras técnicas de pesquisa

Realizar pesquisas na perspectiva da Educação Popular junto a povos originários e comunidades tradicionais se apresenta como um desafio para pesquisadores e pesquisadoras do GEPTE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação/PPGE/UFMT. Mais do que nos inserirmos em determinada localidade para compreendermos a concretude de suas existências, nosso objetivo se volta para as percepções subjetivas sobre as formas de vida e de organização de tais povos, percebendo as maneiras de se relacionarem uns com os outros e com o planeta. Assim, aprendemos a construir perspectivas transformadoras para o mundo, tendo em vista práticas de vida e de resistência em comunidades tradicionais latino americanas.

Para tanto, é imprescindível criarmos formas de nos aproximarmos dos sujeitos de pesquisa de forma a vivenciar seu cotidiano. Para desenvolvimento de pesquisa de

doutorado, viemos buscando reflexões relacionadas à prática da benzeção, bastante comum em espaços de práticas tradicionais populares, na cidade e no campo, e que muito nos diz sobre a percepção popular sobre saúde e adoecimento, sobre cuidado, cura e bem viver. Segundo Elda Rizzo Oliveira,

A Medicina Popular é realizada em diferentes circunstâncias e espaços (em casa, em agências religiosas de cura) e por várias pessoas (pais, tios, avós), ou por profissionais populares de cura (benzedoras, médiuns, raizeiros, ervateiros, parteiras, curandeiros, feitiçeiros). Nesta perspectiva, a Medicina Popular é uma prática de cura que oferece respostas concretas aos problemas de doenças e sofrimentos vividos no dia-a-dia. (OLIVEIRA, 1985, p. 8).

A benzeção é uma prática da medicina popular que se realiza por meio de uma relação entre a benzedora e a pessoa que está sendo benzida. Nessa relação, a benzedora ou benzedor exerce um papel de intermediação com o sagrado, por meio do qual tenta obter a cura. Conforme Andrade,

[...] a história da humanidade aponta que o cuidar e curar sempre estiveram presentes nas diferentes dimensões do processo de viver, adoecer e morrer, mesmo antes do surgimento das profissões. A Benzedura, é a cura de diversos males através de rezas e orações, ramos verdes, remédios naturais, rituais de cura, entre outras formas. Está presente em todo território brasileiro, são práticas ligadas às religiões e a modos de fazer tradicionais de cada região, podendo assumir diversas formas, mas todas facilmente reconhecidas sob o título de benzeduras. (ANDRADE, 2019, p. 20)

Para Oliveira (1985, p 78), “todas as pessoas que lidam com doenças e curas da população, ao prestarem seus serviços de saúde, reproduzem o seu modo de viver”. A benzeção constitui-se, assim, num espaço de re-produção de modos de existência por meio de práticas de cura e cuidado que são comunitárias, solidárias, populares e totalmente acessíveis a quem quer que seja.

A benzeção foi o caminho que encontramos para nos comunicarmos com os Bem Viveres¹ na comunidade tradicional quilombola de Mata Cavallo, no município de Nossa Senhora do Livramento, na baixada cuiabana. Para a realização desta pesquisa, prevíamos

¹ Os chamados Bem Viveres partem de diferentes cosmovisões, não sendo assim uma única forma de vida. Pérez (2017) aponta nessas formas de vida em plenitude 4 princípios elementares: o princípio da saúde (proteção do equilíbrio vital), o princípio do amor (orientação da vida comunitária), o princípio do trabalho (ação e intercâmbio cooperativo) e o princípio da sabedoria (aprendizagem). Essa percepção está presente entre benzedoras e benzedores, não se constituindo em práticas residuais ou folclorismos, mas em re-existências de modos de vida coletivos e solidários que se ressignificam de acordo com suas realidades dinâmicas, no campo ou nas cidades.

a criação de vínculos por meio de vivências na comunidade, pesquisa de campo, convivência com benzedeadas e benzedores, observação de seu cotidiano e conversas com aqueles e aquelas que buscam benzimentos, tendo a pesquisa participante como metodologia.

Desde maio de 2020 nossa perspectiva metodológica se reconfigurou. Com o início da pandemia de COVID-19, foi necessário repensar nossa metodologia de pesquisa, buscando uma forma de nos mantermos conectados aos sujeitos e mantendo o foco no objetivo inicial do projeto de pesquisa, ou seja, fortalecer e encorajar benzedeadas e benzedores da comunidade quilombola de Mata Cavalo a reivindicar direitos, ocupar espaços e propor alternativas para o fortalecimento das práticas tradicionais de cura e cuidado por meio, especialmente, da criação da Associação de Benzedeadas e Benzedores.

Para que a distância física e o distanciamento social não nos fizessem afastar de nosso objetivo, começamos então a refletir sobre como, por meio da Educação Popular, poderíamos superar percepções situadas no âmbito da aparência, tanto no que diz respeito à benzeção e medicina popular, quanto com relação aos povos originários e comunidades tradicionais. Construimos, assim, um processo formativo por meio de oficinas, visando reflexões sobre o trabalho coletivo, o reconhecimento do ofício de benzeção e as práticas de benzimentos em plataformas virtuais. O processo formativo é composto por 10 oficinas com carga horária de 2 horas cada, disponibilizadas para cada participante por meio de aplicativo de WhatsApp. Serão realizadas de forma remota e assíncrona (gravadas previamente).

Para que os passos da pesquisa de campo se tornassem possíveis, submetemos o projeto “Conhecimentos Tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedeadas e benzedores do quilombo de Mata Cavalo/Nossa Senhora do Livramento”, no Edital FAPEMAT nº003/2021 Extensão Tecnológica - Conhecimento a Serviço da População, aprovado em Agosto de 2021. O projeto prevê a contratação de 3 bolsistas, escolhidas entre moradores da comunidade, que irão contribuir na cartografia das práticas de cura e cuidado bem como na realização de entrevistas com tais sujeitos. Após o mapeamento e processo formativo, prevemos a transmissão ao vivo, por meio de rede social, de um benzimento virtual, a partir da própria localidade.

Com o início da pandemia de COVID-19, benzedeadas das mais variadas idades têm se reinventado, e vêm realizando benzimentos em plataformas virtuais, promovendo não só o benzimento em si, mas práticas de solidariedade, partilha e fé, em meio ao caos

instalado no mundo real e no virtual. A Escola de Almas Benzedoras de Brasília tem conduzido rodas de benzimentos virtuais:

Desde seus primeiros passos a Escola se tornou um lugar de resgate e partilha de saberes com base na oralidade e, desde 2017 vem oferecendo atendimentos à comunidade em Unidades Básicas de Saúde em Brasília, no Distrito Federal. São cerca de quatro rodas de benzimento por mês. Durante o período de isolamento social, oferece na mesma periodicidade os benzimentos à distância, uma vez que essa prática não conhece limitações de tempo e espaço. (BEZERRA, 2020)

Buscamos como reforço na arte da comunicação e na aproximação dos sujeitos de pesquisa as redes sociais mais utilizadas no mundo: o Facebook, (2,7 bilhões de usuários), o Youtube (2 bilhões) e o WhatsApp (2 bilhões). Assim, conectando o projeto à amplitude do alcance das redes sociais, buscamos aprimorar a experiência de pesquisa em educação popular, acreditando que a tecnologia e as mídias sociais podem ser importantes aliadas. Ocupar o espaço virtual exige dos pesquisadores um comportamento ético e uma preocupação com relação à acessibilidade dos povos aos quais se destina a pesquisa.

Percebemos que o WhatsApp é uma rede social bastante difundida na comunidade quilombola de Mata Cavalo, e que há inclusive grupos onde as notícias e informes podem ser repassados. É importante a realização de uma pesquisa prévia sobre o acesso à rede de internet e que se considere as taxas de dados disponíveis. Isso evita, por exemplo, envio de vídeos ou áudios muito longos. Apesar disso, consideramos que as mensagens por áudios são importante ferramenta de acessibilidade, tanto para pessoas com deficiências visuais quanto para aqueles e aquelas que não conseguem ler (por não saberem ou pelo tamanho das letras no celular). Como os sujeitos desta pesquisa são predominantemente idosos e idosas, devemos levar isso em consideração.

3 Proposta de mapeamento e processo formativo junto a benzedoras e benzedores de Mata Cavalo

A realização de Processo Formativo junto a benzedoras e benzedores em Mata Cavalo pode apontar uma significativa transformação de sua percepção individual e coletiva, impactando assim a comunidade. A partir da percepção da dimensão coletiva da prática da benzeção, da partilha de saberes e de fazeres, nos empenharemos na construção de um mapeamento, que dará visibilidade aos que praticam a benzeção e se autoidentificam como benzedoras e benzedores. “O mapeamento social é uma metodologia por meio da qual os grupos, através dos mapas, materializam suas práticas e

conhecimentos tradicionais, bem como se autoidentificam.” (MEIRA, 2018, p. 194). A partir do mapeamento, buscaremos identificar o tipo de benzimento realizado por cada benzedeira, as principais plantas medicinais e ervas utilizadas, rezas, doenças e males que cada um e cada uma conhece e aplica no seu procedimento de cura e possíveis dificuldades e conflitos enfrentados na sua prática. O mapeamento será construído de forma coletiva, passando por processo de validação comunitário, nos espaços virtuais.

Para Andrade; Gómez (2019), os processos de cartografias sociais têm contribuído com a visibilidade tanto de práticas em si quanto dos conflitos que tais sujeitos enfrentam em suas re-existências. É o caso das benzedeiiras no estado do Paraná e do MASA, Movimento Aprendizes de Sabedoria². Para os autores,

O resultante dessas cartografias foi o acionamento de uma identidade coletiva, mobilizada politicamente que culminou na consolidação do MASA como espaço legítimo de articulação entre as benzedeiiras, na visibilidade e reconhecimento de um grupo social tradicionalmente invisibilizado e na aprovação de legislações específicas (MASA, 2011). (ANDRADE; GÓMEZ, 2019, p. 149)

E segue:

A luta por políticas públicas de reconhecimento faz insurgir confrontos epistêmicos, como a do território do saber, que até então eram implícitas, como a disputa entre a cultura popular, representada pela medicina popular, e a cultura hegemônica representada pela medicina oficial, sendo essa, supostamente, fonte do saber e incontestável. Um saber que nega, degrada ou criminaliza os saberes dos ofícios tradicionais de cura. Essas cartografias, nesse contexto, representam a emergência de demandas que ganharam visibilidade com a mobilização do grupo. Ganham vozes mulheres que sofreram perseguição, calúnia, preconceito e desvalorização principalmente relacionados aos seus conhecimentos tradicionais. São disputas que estão enraizadas na nossa sociedade e que através da visibilidade dada às benzedeiiras voltaram a ser arena de conflitos. (ANDRADE; GÓMEZ, 2019, p. 149 e 150)

Tal processo pode apontar uma significativa transformação de sua percepção individual e coletiva, impactando assim a comunidade, onde a prática da medicina popular tem raízes profundas em suas re-existências.

² O Movimento Aprendizes de Sabedoria (MASA), se constitui como um dos integrantes do movimento social no Paraná denominado Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais, que busca articular as estratégias de resistência e de enfrentamento dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCT's) paranaenses. Essas comunidades tradicionais são representadas pelos: indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, benzedeiiras, cipozeiras, ilhéus, faxinalenses, ciganos e as comunidades de terreiro. Junto aos demais segmentos, o MASA, movimento social que articula a luta das benzedeiiras, está na luta buscando defender seus territórios do avanço do capital que cerca, desmata, envenena suas plantas e criminaliza suas práticas. Em particular, sete dos nove segmentos de PCT's pertencentes à Rede Puxirão vêm se apropriando da cartografia social como ferramenta de resistência e de auto reconhecimento que auxilia no processo de organização e no estabelecimento de reivindicações compartilhadas. (ANDRADE; GÓMEZ, 2019, p. 130)

(...) mapeamentos sociais participativos podem ser uma ferramenta importante para a formação de grupos sociais organizados em identidades coletivas, permitindo que eles, juntamente com suas entidades, lutem pela implementação de políticas públicas de reconhecimento e valorização dos conhecimentos tradicionais presentes nos ofícios tradicionais de cura religiosa e saúde popular. (MEIRA, 2018, p. 199)

A pesquisa aponta para um importante avanço na possibilidade de comunicação entre universidade e comunidade por meio da extensão popular, demonstrando que, apesar do isolamento social imposto pela pandemia, cabe cada vez mais a pesquisadores e extensionistas desenvolvermos novas técnicas que oportunizem as relações entre sujeitos na atualidade.

Essas metodologias participativas destacam a importância das redes. As redes de comunicação virtual, que nos conectam com outros pesquisadores e pesquisadoras, com práticas de benzeção à distância, com processos formativos que nos dão a dimensão do estado da pesquisa no Brasil e na América Latina. A rede de benzedoras e benzedores, por meio de suas associações e de vínculos com as universidades e programas de extensão. E, porque não, a rede que embala, que nos conduz à nossa ancestralidade, já que, no espaço doméstico, ao nos conectarmos, nos permitimos fazê-lo, inclusive, na rede da varanda, no balanço do info-mar³.

4 Considerações finais

Vivemos atualmente a prova de que a realidade sempre se interpõe entre os sujeitos de pesquisa e seus objetivos. Como pode ser possível propormos uma pesquisa participante quando o mundo impõe o distanciamento social? Essa angústia está também presente nas práticas de Medicina Popular: como realizar processos de cura e cuidado sem a possibilidade do toque, das conversas, sem as mãos unidas em busca de bênçãos? É necessário, além de estabelecer pontes entre os sujeitos e o campo de pesquisa, fortalecer os laços e a confiança nos instrumentos que nos aproximam. Assim como benzedoras e benzedores se fortalecem em rede, é nossa intenção também aprender com eles e elas a transpor a frieza das telas de computadores e celulares e ressignificar esses espaços. Os equipamentos tecnológicos e redes sociais de comunicação não podem se tornar nossa voz, mas devem transparecer nossos sentimentos e possibilitar a criação de vínculos.

³ Referência à canção de Gilberto Gil, “Pela Internet”.

As reflexões sobre a Educação Popular e a pesquisa participante nos parecem relevantes para que possamos construir novas percepções, novos objetos e novas técnicas de pesquisa que são nossas aliadas nessa teia que é a comunicação entre sujeitos de pesquisa no contexto da pandemia de COVID-19. Se inicialmente o isolamento social e o fim das atividades presenciais na universidade nos provocaram desespero por nos afastarem das vivências e práticas, hoje sonhamos novas possibilidades de relacionamentos entre os sujeitos de pesquisa. É cada vez mais importante ocuparmos o espaço das redes sociais, tão utilizadas para a propagação das *fake news* que possibilitaram a eleição de líderes mundiais que estão entre os grandes responsáveis pela extinção de políticas de proteção aos biomas e pela ameaça à existência de povos originários e comunidades tradicionais.

Referências

ANDRADE, Adriane de. **O Movimento Aprendizes de Sabedoria (MASA): tecendo territorialidades de cura na disputa por saberes comuns**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

ANDRADE, Adriane de; GÓMEZ, Jorge Ramón Montenegro. Movimento Aprendizes de Sabedoria (MASA): cartografando processos de r-existência. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**, v. 14, n. 33, ago., 2019.

BEZERRA, Maria. Entrevista: Maria Bezerra – Benzedeira; **Escola de Almas Benzedoras de Brasília-DF**. Museu do Cerrado. Entrevista concedida a Tiago Rocha. 12/08/2020. Disponível em: <https://museucerrado.com.br/entrevista-maria-bezerra-benedeira-escola-de-almas-benedoras-de-brasilia-df/> Acesso em: 14/09/2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diante do Outro cheio de perguntas: uma coletânea de escritos sobre a pesquisa aplicada a pesquisa participante a pesquisa-ação-participante e a pesquisa militante**. (Este volume de escritos envolve um conjunto de textos antigos e novos, entre inéditos e já editados; mantidos como no original, ou revisitados e revistos. Ele integra a série ESCRITOS DA ROSA DOS VENTOS. É colocado em circulação para ser acessado, lido e compartilhado livre e gratuitamente.) Livre acesso em: www.sitiodarosadosventos.com.br

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A terceira margem do rio: anotações e fragmentos sobre a experiência da pesquisa como um encontro**. Elaborado a partir da *Conferência ARNA - Cartagena de Índias, Colômbia, Junho de 2017*.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **La Concepción Metodológica Dialéctica, los Métodos e las Técnicas Participativas em la Educación Popular**. CEP - Centro de Estudios y Publicaciones Alforja. San Jose (s/d)

_____. **Para sistematizar experiências**. 2. ed., revista, Brasília: MMA, 2006.

MEIRA, Antonio Michel Kuller. Mapeamentos sociais como ferramenta para discussão de políticas públicas para o reconhecimento formal de benzedeiras no Paraná. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 43, n. 1, jan./abr. 2018.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é medicina popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Coleção Primeiros Passos).

PALUDO, Conceição. Educação Popular como Resistência e Emancipação Humana. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago., 2015.

PÉREZ, Carmen Seco. Sumak Kawsay: ¿Concepto sagrado o instrumento? In.: LARREA, Carlos; GREENE, Natalia. **Buen vivir como alternativa al desarrollo**: una construcción interdisciplinaria y participativa. UASB Digital. Equador, 2017.